

## DISLEXIA: Uma Maneira Diferente de Aprender

Camila Gabriela Silva da Matta<sup>1</sup>

Raylla Moreira Pereira Perrut<sup>2</sup>

Elisa Ferreira Silva de Alcântara<sup>3</sup>

### Resumo

Esse estudo tem como tema a dislexia, que vem sendo muito discutida no cenário educacional. Com base no verdadeiro histórico e conceito da dislexia, bem como as características e os sintomas que a acompanham, o artigo tem o objetivo de pensar na maneira como o dislético pode ser incluído em sala de aula e da importância do Psicopedagogo para o seu acompanhamento. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica na qual se constatou por meio desse estudo que inserir uma pessoa com dificuldade na leitura e na escrita no contexto escolar não é algo simples, entretanto, possível. Com um trabalho multidisciplinar, capacitações do corpo docente e seriedade dos profissionais envolvidos, pode-se propiciar ao aluno uma aprendizagem eficaz e significativa.

**Palavras-chave:** Dislexia. Inclusão. Aprendizagem significativa.

### DYSLEXIA: A Different Way to Learn

#### Abstract

This study presents the theme of dyslexia, which has been much discussed in the educational scenario. Based on the true history and concept of dyslexia, as well as the characteristics and the accompanying symptoms, the article aims to think about how dyslexia can be included in the classroom and the importance of Psychopedagogy for its accompaniment. To do so, we used a bibliographical research in which it is found through study that inserting a person with difficulty in reading and writing in the school context is not something simple, however, possible. With a multidisciplinary work, faculty skills and seriousness of the professionals involved, it is possible to provide the student with effective and meaningful learning.

**Keywords:** Dyslexia. Inclusion. Meaningful learning.

---

<sup>1</sup>Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase.

<sup>2</sup>Especialista em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Geraldo Di Biase.

<sup>3</sup>Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

## **Introdução**

O transtorno de dislexia tem sido discutido de forma paulatina na atualidade, pois ler e escrever são atividades essenciais para a comunicação humana. Esse tema que é tão discutido em escolas, consultórios de fonoaudiólogos, neurologistas e psicopedagogos é pertinente ao estudo desses profissionais que analisam a melhor forma de orientar o sujeito para ler e escrever na sociedade.

Muitas vezes, o processo de alfabetização não é compreendido de forma positiva, e com isso, o tempo vai passando e a pressão sobre a criança torna-se um complicador. O acúmulo da dificuldade em compreender o processo e os rótulos que os demais alunos vão impondo sobre os disléxicos dificulta ainda mais o sucesso da aprendizagem. Adultos, familiares, professores e demais funcionários voltam sua atenção para a aquisição da leitura e da escrita, fazendo cobranças e comparações com a melhor das intenções.

A dislexia é um transtorno de aprendizagem específico da leitura, caracterizado por dificuldades de reconhecimento de letras, decodificação e soletração de palavras, decorrência de um comprometimento no desenvolvimento de habilidades fonológicas. A dislexia causa grande dificuldade na leitura e problemas na escrita. Essas dificuldades provocarão prejuízos desde a alfabetização até a idade adulta e, por isso, merecem atenção especial de educadores e pais. O transtorno afeta aproximadamente 3% a 10% das crianças e acomete mais meninos do que meninas. (Gustavo, p.217. 2013)

Dessa forma, as escolas que não conseguem trabalhar com este transtorno, especialmente na alfabetização, procuram o neurologista para diagnosticar o problema apresentado e o psicopedagogo para auxiliar essa criança no que se refere à aprendizagem. Contando também com a equipe pedagógica da escola que juntamente com o professor farão um trabalho diferenciado com o aluno.

Então, o objetivo geral desse trabalho foi conceituar a dislexia e conhecer seu histórico, descobrir quais são as características mais comuns e seus sintomas para então desenvolver práticas para o seu “tratamento”. Levando em conta que este processo demanda persistência e, conseqüentemente, a inclusão do disléxico à vida escolar.

## Conceito Histórico

Muito tem sido discutido acerca do que é a dislexia e como se pode melhorar as condições de aprendizagem das pessoas que apresentam esse transtorno, pois mesmo vem sendo cada vez mais comum no cenário educacional. De forma geral, podemos dizer que a dislexia é um transtorno de aprendizagem relacionado à leitura e a escrita, no qual o indivíduo não consegue relacionar o grafema ao seu fonema, ou em alguns casos, só consegue estabelecer essa relação com palavras e sílabas canônicas simples.

Segundo Oliveira (2004): “A dislexia foi diagnosticada pela primeira vez em 1896, pelo neurologista inglês Pringle Morgan, que a chamou de cegueira verbal congênita e definiu-a como um transtorno de aprendizagem na leitura e na escrita”.

Pringle Morgan apresentou relatos de um paciente que tinha a queixa de que não sabia ler e escrever, mas que respondia oralmente aos questionamentos. Então, comparou esse caso a dois adultos que haviam sofrido uma lesão cerebral, e concluiu que esse caso, recém-descoberto, seria um déficit na aprendizagem da leitura e escrita isolado em alunos inteligentes, porém de ordem neurológica. (HOUT; ESTIENNE, 2001)

Nesse sentido, é possível depreender que a dislexia não inibe todas as competências do sujeito, pois suas limitações manifestam-se em questões que envolvem as habilidades de leitura e escrita, ou seja, o disléxico pode participar de interações orais e corresponder às expectativas propostas, mas sua dificuldade estará ligada diretamente ao ato de ler e escrever. É importante salientar que esse transtorno pode ser comparado a uma lesão cerebral, porém, em alguns casos essa lesão já nasce na pessoa. Ela também pode ser adquirida por meio de algum acidente e em ambos os casos, afeta as áreas cognitivas responsáveis pelos comandos da leitura e escrita. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia:

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas”. (Definição adotada pela IDA- International Dyslexia Association, em 2002)

Sendo assim, a dislexia é entendida como um déficit específico na aprendizagem de leitura de escrita e pode ser hereditária ou adquirida. Por ser um transtorno neurológico específico nessas áreas, não existe cura. A pessoa que nasce com dislexia provavelmente terá dificuldade em decodificar o sistema de escrita, soletrar palavras complexas e até mesmo em interpretar textos. Essas dificuldades serão incoerentes a idade cronológica do indivíduo e com as outras habilidades que ele poderá vir a desenvolver.

Segundo Ballone (2001), a origem da dislexia tem seu fundamento no eixo corporal, na base psicomotora e se desenvolve anteriormente à escrita. Nessa perspectiva, é possível afirmar que a criança para aprender o mecanismo da leitura e escrita, primeiramente necessita desenvolver as questões motoras relacionadas à lateralidade. O aluno disléxico tem extrema dificuldade na consciência do eixo corporal, o que o faz confundir direita e esquerda.

De acordo com Davis, a dislexia pode ser definida como:

(...) um tipo de desorientação causada por uma habilidade cognitiva natural que pode substituir percepções sensoriais normais por conceituações; dificuldades com leitura, escrita, fala e direção, que se originam de desorientações desencadeadas por confusões com relação aos símbolos. A dislexia se origina de um talento perceptivo. (Davis, 2004, p.38)

Nesse sentido, podemos conceituar a dislexia como a dificuldade de decodificação de símbolos escritos e de transmitir as suas ideias por meio da escrita, de forma a confundir letras, fazer trocas e obter erros médios/graves de ortografia. Além disso, em algumas situações, a dislexia também poderá comprometer a fala, o que poderá atrapalhar a expressão dessa pessoa por meio da oralidade.

O dicionário Aurélio (2011), apresenta a palavra dislexia como: “Incapacidade de compreensão do que se lê devida a lesão do sistema nervoso e condição em que a leitura causa fadiga e sensações desagradáveis à pessoa”. Em alguns casos, a dislexia pode acarretar incompreensão do que a pessoa está lendo, ou seja, nada do que está escrito, nenhuma letra possui significado para ela, e isso a faz estabelecer um vínculo negativo em relação à leitura e escrita. Existem disléxicos que devido ao tratamento adequado conseguem um melhor desenvolvimento nessa área e encontram estratégias para se adequar à situação.

Além do mais, como já dito anteriormente, a dislexia é um transtorno específico da leitura e escrita, e por esse motivo os sujeitos que apresentam esse tipo de transtorno, costumam destacar-se em outras áreas que não dependam exclusivamente do ato de ler e escrever, e são outros tipos de linguagem, como a música, as artes, a matemática, etc.

## **Características e Sintomas**

A dislexia é um transtorno que afeta o aprendizado. As pessoas têm problemas para decodificar as letras do alfabeto, tem dificuldade em todas as atividades que estão relacionadas com a leitura e, exatamente por isso, não consegue ter o mesmo desempenho que os demais.

De acordo com Condemarin e Marlys (1986, p.22), a principal característica de um disléxico é “a acumulação e persistência de seus erros ao ler e escrever”. Muitas pessoas enfrentam dificuldades em aprender algo. Transtornos de aprendizagem, como a dislexia, são consistentes e não irão desaparecer com o tempo. Antes mesmo de rotular e criar situações de desconforto, é importante atentar-se a alguns sinais que podem futuramente desencadear a dislexia.

Alguns deles são apresentados antes mesmo da criança ingressar na vida escolar, por isso é importante se atentar antes do início da aprendizagem da leitura. Na 1ª infância, as primeiras características que alertam para uma possível dificuldade na aquisição da linguagem escrita surgem no nível oral. O atraso na aquisição da linguagem é o primeiro sinal para possíveis dificuldades de linguagem e leitura. Outros fatores que também dão alguns sinais são:

- Dispersão;
- Falta de atenção
- Atraso na coordenação motora
- Falta de interesse por livros.

Durante a idade escolar, podem aparecer as seguintes características:

- Dificuldade em compreender que a palavra se segmenta em sílabas;

- Falta de agilidade na aprendizagem dos mecanismos de leitura e escrita;
- Dificuldade na compreensão e interpretação de textos;
- A velocidade da leitura é significativamente lenta em relação a sua idade;
- Falta de interesse pela leitura e, geralmente, estratégias para fugir desse momento;
- Dificuldade na memorização informações.
- Facilidade em distrair-se.

Em 1971, os autores Elena Boorder e Micklebust classificaram vários grupos dentro da Dislexia, neste artigo, iremos brevemente pontuar cada uma delas com seus sintomas mais marcantes. São elas: Dislexia Visual ou Diseidética, Dislexia Disfonética ou Auditiva e Dislexia Mista.

Dislexia Visual – deficiência na percepção visual. Seus sintomas são: dificuldade na percepção viso-motora e na habilidade visual (não visualiza cognitivamente o fonema). Exemplos que ilustram este tipo são: a grande dificuldade da criança em sequenciar as letras do alfabeto e as letras nas palavras. Isso também ocorre em relação aos dias da semana e os meses do ano, os eventos de uma história por uma ordem definida ou, até, em seguir instruções relativamente simples quer elas sejam verbais, quer sejam dadas por escrito. Apresenta ainda problemas de discriminação visual, confundindo letras e palavras parecidas, revertendo-as por vezes, como as trocas de bês por dês ou ato por ota.

Dislexia Disfonética - dificuldades de percepção auditiva, na análise e síntese de fonemas, dificuldades temporais e nas percepções da sucessão e da duração. Os principais sintomas são as trocas de fonemas e grafemas diferentes com dificuldades no reconhecimento e na leitura de palavras que não têm significado. Há também alterações rudes na ordem das letras e sílabas, omissões e acréscimos, maior complicação com a escrita do que com a leitura e substituição ou troca de palavras por outras visualmente semelhantes.

O portador de dislexia pode confundir o som do “m” com o do “n”, e o som das letras b, d, t, p e g. Não percebe que os sons iniciais e finais de palavras são iguais (berço e barco, casa e brasa). Troca a ordem das consoantes (calmo, clamo). Confunde os dígrafos (telha, tenha) e não percebe as rimas. Quando lhe é solicitado

que diga palavras que rimem com gato, por exemplo, o dislético pode responder goto ou sapo e até mesmo inventar palavras sem significado como zato ou sato.

Dislexia Mista – Seria a combinação de mais de uma característica.

Segundo os autores como Correa (2003) e Fonseca (1995), o ideal seria que a criança passasse por uma avaliação para detectar se possui ou não o transtorno, porém, o sistema educacional brasileiro ainda demonstra-se escasso nesse aspecto, tanto que em algumas escolas ainda há faltas de recursos.

Desse modo, é importante que os pais, educadores e profissionais que acompanham as crianças, estejam atentos as características e comportamentos de cada uma delas, para que ambos tenham condições de ajudar e buscar intervenções de maneira adequada.

## **Tratamento**

Antes mesmo de iniciar o tratamento da dislexia, ao buscar um diagnóstico com o pediatra, o mesmo fará algumas investigações, levantando algumas questões que o ajudarão, sobretudo, possíveis causas físicas que podem influenciar na dificuldade da leitura, sendo elas problemas de audição e visão. Posteriormente, ele irá analisar se há algum distúrbio de coordenação motora, de déficit de atenção, hiperatividade, depressão, ansiedade e distúrbios da tireoide, pois estes também podem afetar a compreensão da leitura.

Vale ressaltar que a dislexia não é um fator relacionado à inteligência. Embora possa dificultar em alguns momentos, não significa que a pessoa diagnosticada seja impedida de seguir uma vida profissional. A partir daí uma equipe multidisciplinar formada por professor, pedagogo, psicólogo, psicopedagogo, neurologista e fonoaudiólogo, são de suma importância para que haja uma superação desta dificuldade. E lembre-se, quanto antes à dislexia for descoberta, melhor será para que os resultados sejam positivos, evitando os rótulos com os colegas de sala.

O tratamento da dislexia é um processo longo e demanda persistência, tanto por parte do paciente, quanto pela família.

Podemos constatar esta afirmação, presente no livro do Dr. Gustavo:

O tratamento da dislexia baseia-se em programas fonoaudiólogos associados à psicoeducação e a aulas de reforço (caso haja prejuízos pedagógicos). O grau de melhora dependerá da gravidade dos sintomas e das condições de estimulação e apoio oferecido à criança ou ao adolescente com dislexia. O trabalho psicoeducacional e informativo aos pais e professores também será fundamental para se impedirem os prejuízos relacionados com a desinformação, o preconceito e a estigmatização, que muitas vezes rotulam esses jovens como “preguiçosos”, “incapazes” ou “incompetentes”. (Gustavo, 2013, p. 222)

Este processo o qual o enfoque é o tratamento, se faz necessário uma equipe multidisciplinar, podendo ser inclusos algumas opções de tratamento, como fonoaudiólogo, sendo aquele que estabelece estratégias para facilitar a leitura e diminuir a dificuldade em associar os sons da fala à escrita correspondente.

O psicoterapeuta é outro profissional importante, pois é comum que o disléxico tenha baixa autoestima e tenha dificuldade nos relacionamentos interpessoais devido a sua dificuldade de aprendizagem. E as adaptações no aprendizado escolar, no qual teremos um foco maior, requer um profissional altamente capacitado- o psicopedagogo, que irá ajudar o paciente em questão, visando sua melhoria na aprendizagem. É importante também incluir o professor, que em sala de aula, fará um trabalho diferenciando para o aluno disléxico, promovendo também o seu sucesso na aprendizagem.

Cabe à equipe pedagógica da escola e ao professor, um papel muito importante de suavizar a dificuldade de aprendizagem (neste caso a dislexia), e incluir a criança na sala de aula, trabalhando com o objetivo de auxiliar a independência e autonomia, através de estratégias, como dar instruções orais e escritas, explicar claramente as atividades que serão realizadas, além de estimular atividades em grupo dentro e fora da sala de aula, por exemplo. Desta forma, a criança se sentirá menos excluída e conseguirá encontrar estratégias com mais facilidade para as suas dificuldades.

O trabalho psicopedagógico terá como objetivo investigar, intervir e prevenir, identificando os obstáculos e buscando elementos facilitadores a aprendizagem do paciente. O profissional buscará elementos que envolvam a aprendizagem visando e

estabelecendo vínculos positivos, para que esta relação com o processo de ensino seja saudável e prazerosa.

## **A Inclusão do Dislético na Escola**

É do conhecimento de todos que o aluno dislético nem sempre é incluso efetivamente na rede regular de ensino, mesmo sabendo que esse é um direito desse indivíduo. Estar incluso não é somente ficar na sala de aula junto com os outros, mas sim ter atividades e estratégias que atendam às suas especificidades, pois ficar somente na sala de aula sem conseguir realizar as tarefas como os outros é sinal de “fracasso” e não uma forma de inclusão.

Além disso, muitos educadores encontram-se “engessados”, atribuindo o fracasso do aluno dislético a questões de indisciplina, problemas familiares ou até mesmo falta de inteligência, rotulando o discente como “preguiçoso”, “desinteressado”, ou atribuindo a culpa exclusivamente à família, que por vezes não acompanha ou desconhece as causas da dificuldade dessa criança.

De acordo com Gustavo Teixeira: “É essencial para o diagnóstico e o início do tratamento que os professores identifiquem precocemente sintomas de transtorno. Quanto mais cedo identificado, menores serão os prejuízos acadêmicos e sociais a que essa criança estará exposta”. O papel do professor, juntamente com a equipe pedagógica da escola é de suma importância no que diz respeito à observação desse aluno em sala de aula, percebendo características comuns ao dislético. Se o docente identificar tais características no início da alfabetização, sem dúvidas esse aluno terá um ensino pautado nas suas peculiaridades, a família poderá buscar mais suporte e a autoestima dessa criança não ficará exposta.

A escola não é responsável pelo diagnóstico preciso do aluno dislético, mas é a primeira instituição que apresenta os indícios necessários para que a família busque os profissionais capacitados para desenvolver um trabalho específico com o aprendiz, sem utilizar o “achismo” ao apresentar para os familiares às observações realizadas, agindo com cautela e ética profissional, e tendo em vista que não é competência da escola estabelecer nenhum laudo.

Se a escola e a família desempenharem o seu papel, torna-se possível estabelecer uma parceria de sucesso entre as mesmas, facilitando o processo de inclusão desse aluno na sala de aula. Nessa perspectiva, é de grande valia que a família do educando disléxico que dado o diagnóstico, busque um profissional que irá nortear e complementar o trabalho da escola, com estratégias lúdicas e específicas em leitura e escrita. O Psicopedagogo é um profissional de extrema importância e que se faz necessário para que o aprendente disléxico consiga se desenvolver através de jogos e atividades lúdicas que envolvam a leitura, escrita e a decodificação do sistema de escrita, de uma forma dinâmica e contínua. Sempre valorizando os progressos tidos no dia a dia do aluno.

Além disso, o profissional da Psicopedagogia dará o suporte necessário para que o professor planeje atividades que atendam às necessidades do disléxico, dando um passo de cada vez. Muitas vezes, o docente não sabe como ajudar o seu aluno, deixando-o excluído diante dos demais e contribuindo para que ele fique desmotivado e é nesse sentido que o Psicopedagogo pode oferecer a escola sugestões e ideias que façam esse indivíduo progredir, relatando os seus atendimentos e intervindo no processo de inclusão desse aluno.

## **Considerações Finais**

Com base em tudo que foi exposto, constatamos que indivíduos com dislexia possuem dificuldades de relacionar grafemas e fonemas e isso pode estabelecer um vínculo negativo com o aprendizado, comprometendo sua autoestima e a aquisição dos conceitos relacionados à leitura e escrita. Por meio deste artigo foi possível observar a importância da intervenção psicopedagógica para o aluno disléxico, que sendo realizada de forma comprometida e atendendo as suas peculiaridades, apresenta resultados satisfatórios.

Diante disso, vimos que a dislexia é um transtorno específico, relacionado diretamente a leitura e escrita, e, portanto, não limita o aprendente a se desenvolver em outras áreas. Também mostramos que quando há uma intervenção adequada, as condições desse educando são favorecidas. Em suma, pode-se dizer que é preciso haver uma parceria importante entre a escola, família e o profissional da

psicopedagogia, para que sejam oferecidas diversas estratégias lúdicas que irão incluir, de fato, esse aluno no contexto escolar, de modo que ele não perca a sua autoestima e aprenda a lidar com essa dificuldade.

Podemos concluir que investigar, analisar e conhecer a dislexia, é evidentemente, essencial para que o aluno disléxico possa ser compreendido, assistido e acompanhado, encontrando meios para que este sujeito passe a decodificar o sistema de escrita e desenvolva a habilidade de ler e escrever de forma eficaz.

## Referências

ABD - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA. Disponível em: <http://www.dislexia.org.br>. Acesso em: 21 out. 2017.

BALLONE, G. J. **Linguagem**In. PsiquWeb Psiquiatria Geral. 2001. Disponível em: <http://www.psiqweb.med.br/cursos/linguag.html>. Acesso em: 21 out. 2017.

BAUER, J.J. Dislexia: **Ultrapassando as barreiras do preconceito**. São Paulo. Casa do psicólogo, 1997.

CONDEMARIN, Mabel; MARLYS, Blomquist. **Dislexia**: Manual de leitura corretiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

CORREA, Célio. Dislexia: **Afinal de quem é o problema?** 2003. Disponível em: <http://www.webamigos.net/educaforum/dislexia2003marco.shtml>. Acesso em: 18 out. 2017.

DAVIS, Ronald D. **O dom da dislexia**. Rio de Janeiro: Rocco. 2004.

FONSECA, Vitor da. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas,

HOUT, Anne Von; ESTIENNE, Françoise. **Dislexias**: descrição (avaliação), explicação e tratamento. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

LANHEZ, M.E e NICO. M.A. Nem sempre é o que parece: **Como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Alegro, 2002.

MORAES, A.M.P. Distúrbios da aprendizagem: **Uma abordagem psicopedagógica**. São Paulo: EDICON, 1997.

NUNES, T e cols. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: Teoria e prática.** 3.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA, Roberto de. **Maioria tem diagnóstico tardio de dislexia.** Folha de São Paulo, 04 jul. 2004. Cotidiano.

TEIXEIRA, GUSTAVO. **Manual dos transtornos escolares:** entendendo os problemas de crianças e adolescentes na escola. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro, 2013.